

Teatro. Perfil

RICARDO MALLACO/DIVULGAÇÃO



QUEM É

DAVID LEDDY
AUTOR E DRAMATURGO INGLÊS

No Brasil.
Depois de
Inhotim, peça
vai para BH

* Radicado na Escócia, o artista está à frente da Cia. Fire Exit, de Glasgow. Com forte presença nas edições do Festival de Edimburgo, já criou espetáculos de sucesso como *SubRosa*, *White Tea* e *Unfiled Love Story*. Sua última criação *Long Life The Little Knife*, estreou em fevereiro deste ano.

CONTADOR DE HISTÓRIAS

Saudado por seus experimentos teatrais, o inglês David Leddy defende o poder das narrativas

Maria Eugênia de Menezes
BRUMADINHO / MG

Ele já foi chamado de “mestre do teatro site-specific”. Afinal, criou peças que se passam em lugares tão inusitados, como os bastidores de uma sala de concerto, um jardim, um museu e até mesmo os cômodos de sua própria casa. A presença constante de elementos tecnológicos nessas criações, também lhe renderam o título de “menos convencional e mais ousado dos autores do teatro escocês”.

Muitas são as tentativas de definir o trabalho de David Leddy. Mas é o próprio dramaturgo quem se encarrega de jogar todos os rótulos por terra. “Não vejo meu trabalho como ‘site-specific’ nem tenho um apreço especial por questões tecnológicas. Às vezes, mudo a locação ou a maneira como o texto funciona ou a tecnologia empregada. Mas o que realmente me importa é experimentar a forma do teatro. Esticá-la e testá-la ao máximo. Misturar as estruturas e colocá-

las de volta em uma ordem diferente”, diz o artista inglês.

Diretor da companhia Fire Exit em Glasgow, Leddy está no Brasil para trocar experiências com companhias e criadores de São Paulo. E, sobretudo, para a estreia de uma de suas obras em Minas Gerais.

Com versão brasileira produzida pelo British Council, a peça *Susurrus* será exibida, até 14/4, no Instituto de Arte Con-

temporânea Inhotim. Além de detentora de uma milionária coleção de arte contemporânea, a instituição é também um imenso jardim botânico: cenário ideal para o enredo proposto.

Enquanto percorre uma trilha dentro do parque, o espectador acompanha a trama com fones de ouvido conectados a um aparelho de MP3. Em pontos diferentes do trajeto – escolhidos pelo próprio autor –, a plateia vai

descobrir os segredos revelados pelos quatro personagens. São pontos de vista distintos sobre um mesmo episódio. Pedacos de um quebra-cabeça que vão se encaixando até elucidar as causas das mágoas de cada um. Um misto de abandono, omissão e pedofilia que deságua, por fim, no suicídio do cantor de ópera Robin Goodfellow.

A escolha do nome Goodfellow já entrega a referência do dra-

maturgo. É assim que se chama o travesso e perigoso duende de *Sonho de Uma Noite de Verão*. Trata-se habitualmente como leve comédia, a criação de Shakespeare carrega também o seu lado escuro na série de amores desconhecidos que elenca.

Leddy diz que o teatro convencional não lhe interessa: “Pode até ser bom, mas é uma receita que já foi testada há 200 anos.” Ainda assim deixa evidente seu

apreço pelas tradições. Além de evocar Shakespeare, também entremeia *Susurrus* de conhecidas referências musicais: Nat King Cole, Edith Piaf, Maria Callas cantando *La Mamma Morta*, ária da ópera *Andrea Chénier*. “É preciso saber quais regras manter e quais quebrar. Você pode alterar a estrutura, experimentar. Mas se você joga todas as tradições fora, fica só um barulho incompreensível, sem nenhum sentido”, acredita.

As explicações para os seus experimentos de linguagem, ele garante, não são racionais. “A emoção é sempre o ponto de partida para mim. Tento despertar, em quem assiste, um sentimento que dificilmente pode ser descrito em palavras. Gosto de sair de um espetáculo como se tivesse sido atingido por um trem. E é isso que tento criar para outras pessoas.”

Não é usual que expoentes do teatro experimental falem em “emoção” ou “sentimentos” quando descrevem seus trabalhos. Alguém que já inventou um espetáculo sem protagonistas (e que demandava momentos de meditação da plateia) também não parece ser o tipo de criador que defende o “poder” das narrativas. Leddy não está muito preocupado em soar coerente.

“O ato de contar histórias está presente em todas as épocas. E você não pode ignorar isso. Diferentes formas de arte funcionam de diferentes maneiras em cada cultura. Mas contar histórias é algo que permanece em todas elas.”

A REPÓRTER VIAJOU
A CONVITE DA PRODUÇÃO

INHOTIM TERÁ BRAÇO DE ATUAÇÃO EM BH

● Inhotim passa por mudanças. Em 2012, a chegada da coreana Eungie Joo – com passagem pelo New Museum de Nova York – já servia como indicativo da vontade da instituição de incrementar suas atividades educativas. Na sexta, o instituto com sede na

cidade de Brumadinho estende sua programação para Belo Horizonte. Nesta data, começa a funcionar o programa Inhotim Escola, uma plataforma de formação nas áreas de educação, arte e meio ambiente. A inauguração terá o seminário *Natureza, Tempo e Poesia*, com palestra de Tunga. No sábado, a discussão continua com Ernesto Neto, Camila Mota, Rodrigo Moura, Arto Lindsay, Jorge Macchi e Rivane Neuenschwander. / M.E.M



Jardim Botânico. Durante o espetáculo *Susurrus*, público percorre Inhotim e faz paradas em oito pontos selecionados

Arquitetura. Prêmio

PRITZKER DE 2013 CONSAGRA O MESTRE TOYO ITO

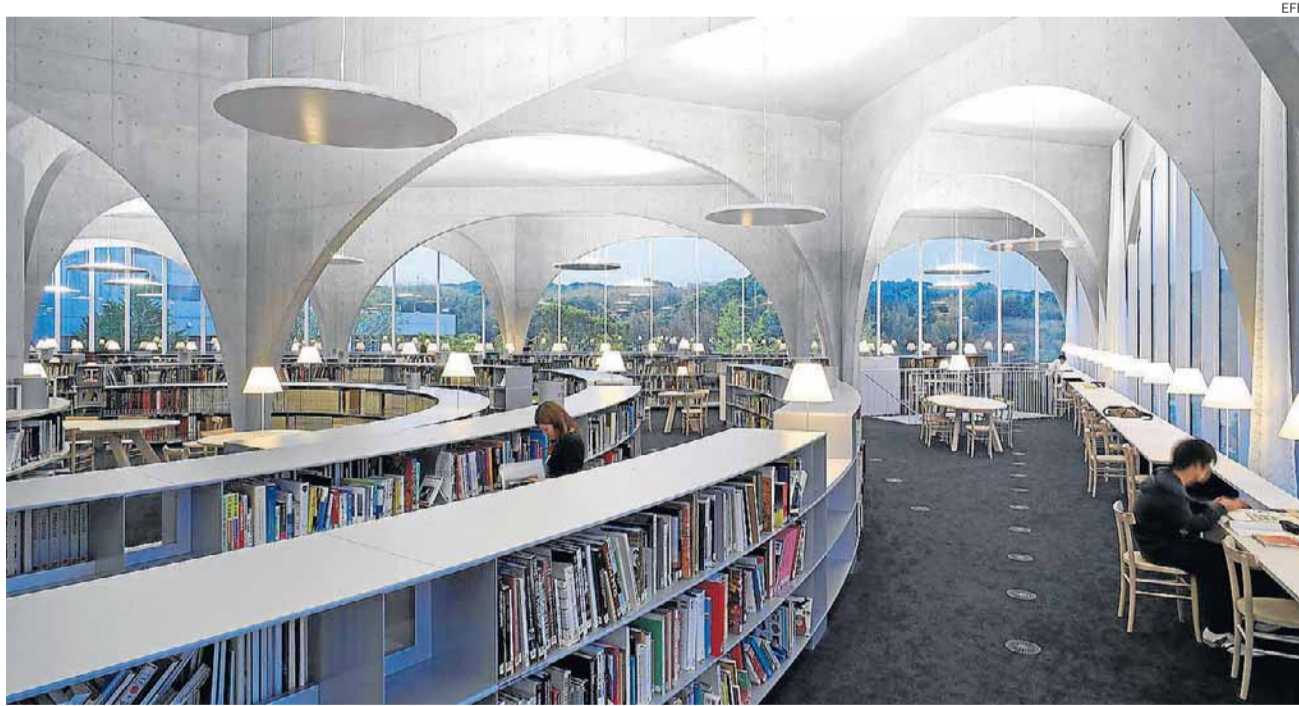
Jotabê Medeiros

O Prêmio Pritzker de 2013 consagrou anteontem mais um nome da arquitetura japonesa, o veterano Toyo Ito, de 71 anos, um dos mais celebrados de seu país. É o sexto japonês a receber o prêmio, que já foi entregue a 37 arquitetos do planeta desde que instituído. No Brasil, Oscar Niemeyer e Paulo Mendes da Rocha são os brasileiros que foram distinguidos.

O Pritzker foi uma espécie de cereja do bolo de uma trajetória bem-sucedida: Toyo Ito já tinha recebido, em 2002, o Leão de Ouro da Bienal de Veneza; em 2006, levou a Medalha Real de Ouro do Royal Institute of British Architects; e, em 2010, o Praemium Imperiale 22 (em honra do príncipe Takamatsu).

Criando arquitetura há mais de 40 anos, Ito tem uma obra completa e multifacetada, distribuída em bibliotecas, casas, museus, parques, teatros, lojas, escritórios, edifícios e pavilhões. O Pritzker é a mais importante distinção da arquitetura mundial, e concede ao vencedor um cheque de US\$ 100 mil (cerca de R\$ 200 mil) e uma medalha de bronze em uma cerimônia que acontecerá na John F. Kennedy Presidential Library, em Boston.

Entre as obras mais badaladas de Ito, estão o Museu de Arquite-



EFE



● **Toyo Ito**
O arquiteto começou a carreira no escritório Kiyonori Kikutake após se graduar na Universidade de Tóquio (1965)

Reverência.
Biblioteca Tama Art, tributo a Gaudí

tura Daici Ano, o Serpentine Gallery Pavilion de Londres e a Torre dos Ventos de Kanagawa. Já o júri destacou a Mediateca de Sendai pelo uso inovador de tubos estruturais; o edifício Tod Omotesando, em Tóquio, “onde a pele do edifício também serve como estrutura”; e a Tama Art Biblioteca Universitária de Tóquio.

Ito disse, ao receber o prêmio, que o reconhecimento só o tor-

na mais “dolorosamente consciente de inadequação, e isto se transforma em estímulo para o próximo projeto”. São muitos projetos em andamento, como a Taichung Metropolitan Opera House, em Taiwan.

“Embora Toyo Ito tenha construído uma grande quantidade de edifícios, na minha opinião, ele vem trabalhando em uma ideia comum ao longo de sua car-

reira – ultrapassar os limites da arquitetura. E para atingir esse objetivo, ele não tem medo de superar suas conquistas anteriores”, afirmou Yung Ho Chang, membro do júri do Pritzker.

O júri, em geral, destacou sua ousadia como “criador de edifícios atemporais” e a capacidade de Ito de sintetizar muitas linguagens arquitetônicas e funcionalidades, fundando uma lingua-

gem particular. Além de preconizar o uso de estruturas orgânicas encontradas na natureza e a sensualidade do ser humano.

Descrevendo-o como “criador de edifícios atemporais”, o júri também mencionou sua importância na formação de novas gerações. Em seu estúdio, formou arquitetos como o Pritzker de 2010, Kazuyo Sejima, e Nishizawa Ryue.

“

ELE NÃO TEM MEDO DE SUPERAR AS SUAS CONQUISTAS ANTERIORES”

Yung Ho Chang
JURADO

● **Arnaldo Jabor.** O cronista, que escreve às terças neste espaço, está em férias